

História e ciência: Varnhagen e a busca pela verdade na História do Brasil

Carlos Eduardo Nicolette¹

Resumo

Os tomos do livro *História Geral do Brasil* de Francisco Adolfo de Varnhagen são reconhecidos como esforços iniciais para a construção de uma noção sobre o passado brasileiro, bem como a criação de uma identidade nacional. Os escritos do autor versam sobre os mais diversos assuntos, desde a chegada dos portugueses até a Independência do Brasil. Este artigo sugere uma análise de seus escritos sob o viés da história científica praticada desde o século XVII na Europa, um viés até então pouco utilizado. Acredita-se que Varnhagen se baseou em pesquisadores como David Hume, Edward Gibbon e Gianbattista Vico para escrever a história do Brasil, pois seus escritos contêm uma incessante procura pelo fato e pela objetividade nos documentos. Logo, o objetivo deste trabalho é identificar no texto de Varnhagen indícios do modelo de conhecimento moderno. A partir de uma análise internalista a seus textos, procurar-se-á evidenciar trechos que demonstrem adesão à concepção do método experimental.

Palavras-chave: Historiografia Brasileira; Adolfo de Varnhagen; História Científica

History and science: Varnhagen and the search for the truth in the history of Brazil

Abstract

The volumes of Francisco Adolfo de Varnhagen's *História Geral do Brasil* (General History of Brazil) are recognized as an initial attempt to build a notion about the Brazilian past, as well as the creation of a national identity. The author's writings deal with the most diverse subjects, from the arrival of the Portuguese until the Independence of Brazil. This article suggests an analysis of his writings under the bias of the scientific history practiced since the seventeenth century in Europe, a not commonly used bias. This article argues that Varnhagen has relied on researchers such as David Hume, Edward Gibbon and Gianbattista Vico to write the history of Brazil, because his work contains an incessant search for facts and objectivity in the documents. Therefore, the aim of this work is to identify in the text of Varnhagen indications of the model of modern knowledge. Starting from an internalist analysis to his texts, we will try to evidence sections that demonstrate adherence to the conception of the experimental method.

Keywords: Brazilian Historiography; Adolfo de Varnhagen; Scientific History

¹ Graduando em História pela Universidade de São Paulo. É integrante do Centro de Estudos de Demografia; Histórica da América Latina (CEDHAL) e atualmente participa do projeto “Família e domicílios em São Paulo colonial: uma análise das listas nominativas de habitantes para a Vila de Itu, 1765-1836” sob a orientação do Prof. Dr. Carlos de Almeida Prado Bacellar. E-mail: carlos.nicolette@usp.br.

O que distingue principalmente, tratando assumptos históricos, o verdadeiro historiador do poeta, é que este, que para ser ha de ter mais imaginação que fria critica, commovido de certa maneira, cria e adapta tudo ás suas inspirações; ao passo que aquelle estuda primeiro o facto, apura-o por meio das provas que requerem critério; e só depois sentença com gravidade, transmittindo ao público a sentença e os seus porquês. (VARNHAGEN, 1857, p. XII)

1 Introdução

A historiografia acerca da história do Brasil tem se expandido em ritmo intenso nos últimos 50 anos, entretanto, sua origem não é recente, seus alicerces advêm do século XIX. Foi com Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), em seu livro *História Geral do Brasil* (dividido em 2 tomos, lançados respectivamente em 1854 e 1857), que se fez a primeira obra sobre o passado do Brasil a partir da utilização de fontes². O autor escreveu mais de mil páginas sobre o passado brasileiro, em sessenta e três capítulos (por ele denominados seções), que abrangem desde o ano de 1500 até a proclamação da Independência, em 1822 (CEZAR, 2007, p. 163).

Varnhagen teve destaque no cenário intelectual oitocentista brasileiro, participando ativamente de sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) durante anos, no qual foi eleito primeiro-secretário em 23 de maio de 1851. Nessa função, ele reorganizou a biblioteca, “os arquivos e o museu do instituto, e ainda estabelece o primeiro catálogo, por ordem alfabética, da Revista do IHGB até o número XV, consagrado ao ano de 1851. A gestão de Varnhagen coincide igualmente com a reforma dos estatutos e a tentativa de profissionalização da instituição” (CEZAR, 2007, p. 171).

Logo em seguida, publicou os tomos de *História Geral do Brasil*, nos quais a partir de uma narrativa cronológica e linear, explorou os mais diversos eixos temáticos sobre o Brasil, tratando desde assuntos estruturantes, como as razões para a existência da escravidão africana e até assuntos como uma conspiração socialista que teria ocorrido na Bahia em 1798. Embora tenha nascido na região de Sorocaba, interior de São Paulo, em 1816, Varnhagen viveu durante muitos anos de sua formação fora do Brasil, sobretudo em Portugal, Espanha e Áustria-Hungria. É possível que tenha ocorrido nesse momento seu contato com escritos sobre história, então

² É necessário não se esquecer de Karl Friedrich Philipp von Martius (1844) e seu texto pioneiro sobre a história do Brasil, entretanto, o autor não seguiu com sua pesquisa, deixando apontamentos e traços que foram levados em conta por Varnhagen posteriormente.

feitos na Europa, a exemplo dos textos dos franceses Voltaire (1694- 1778) e Jules Michelet (1798-1874) ou até mesmo os britânicos David Hume (1711-1776) e Edward Gibbon (1737-1794).

Essa produção de conhecimento, então recente e nascida muito em razão de oficinas que desafiaram o conhecimento estabelecido ao longo do Renascimento, teve grande influência no surgimento da historiografia moderna, visto esta ter nascido no contexto da ciência moderna, então capitaneada pelas pesquisas de Isaac Newton (1642-1727) (CARDOSO, 2005, p. 132). Nesse início, entre os séculos XVII e XIX, os historiadores não se viram de maneira discrepante frente a outros pesquisadores, aqueles buscaram leis e comprovações objetivas como qualquer outro estudioso. Peter Burke (2003, pp. 42-44) afirma que a chamada Revolução Científica foi o início de um processo amplo que desencadeou, ao longo do século XVII, na pesquisa histórica científica.

Não havia, assim, uma grande divisão entre áreas do conhecimento, a ciência natural do homem era vista e estudada como as mesmas bases das outras, sem a existência de um território bem delineado entre as produções científicas. O próprio pesquisador que escrevia sobre história, arte ou política de determinada sociedade, poderia noutro momento falar acerca da mente humana. Foram esses pesquisadores que abriram o campo que hoje se conhece como “humanidades” – entretanto hoje já temos nas várias subdivisões dentro desse campo de conhecimento (BURKE, 2003, pp. 45-46).

Ciro Flamarion Cardoso (2005, p. 133) traz à baila o exemplo de Gianbattista Vico (1668-1744), o qual foi redescoberto por Michelet no século XIX, sendo utilizado como base por este para afirmar que a história poderia buscar se utilizar de métodos objetivos como qualquer outra ciência. Vico, apesar de ser marcado por um tenaz catolicismo, entendia que os “homens fizeram o mundo social, a sociedade civil, portanto, podem entendê-lo e tratar de explicá-lo (implicitamente se entende: sem buscar a cada passo o dedo da Providência)” (CARDOSO, 2005, p. 134).

É importante ressaltar que o exposto acima aconteceu anteriormente às pesquisas de Leopold Van Ranke (1795-1886) – considerado por muitos pesquisadores como pai da historiografia moderna ou mesmo da chamada História Científica. Seus escritos se concentraram nas décadas de 1840 e 1850, enquanto os historiadores aqui mencionados como exemplo, Hume e Vico, apareceram no decorrer do século XVIII. O objetivo destes, assim como

foi o de Ranke no XIX, continha o espírito de explicar a essência sobre o passado, a verdade, procurando escrever uma história sem fábulas ou mentiras e que teve em seu horizonte, em geral, um propósito de generalização totalizante de teorias e ideias (HOLANDA, 1974, pp. 451-452).

A partir do exposto acima, o objetivo deste trabalho é identificar no texto de Varnhagen indícios do modelo de conhecimento moderno, ou seja, encontrar trechos que demonstrem adesão a alguma concepção do método experimental. Para alcançar o objetivo proposto, dividir-se-á os trechos selecionados em categorias que explicitem o modelo ou os modelos seguidos pelo autor, visto ele ter construído seu texto a partir de muitas subdivisões. Assim, buscar-se-á evidenciar a preocupação do autor no estabelecimento de credibilidade das fontes, seu interesse em explicar as estruturas de funcionamento daquela sociedade, bem como seu intuito de realçar as artes, a geografia e os costumes, onde mostra sua abrangente visão etapista de história.

A análise aqui proposta tem caráter internalista, ou seja, a atenção está voltada para os dois tomos da obra de Varnhagen, num olhar concentrado, e não feito por meio de uma visão panorâmica. Foram escolhidos para este artigo apenas alguns tópicos, visto que trabalhar com todo o seu livro demandaria uma pesquisa de maior fôlego. O recorte, dessa forma, foi realizado após uma leitura inicial de seus dois tomos e de um sobrevoos feito a partir de seu índice. Selecionou-se, ao total, quatro capítulos de sua obra, sendo eles: Tomo I – “Prólogo” (1) e “Escravidão dos africanos, perigos ameaçadores” (2); Tomo II – “Prefácio” (3), “Discurso Preliminar, os índios ante a nacionalidade brasileira” (4)³.

2 Base empírica de Varnhagen: a busca pelo fato

Nesta parte, o foco será os capítulos iniciais dos tomos de *História Geral do Brasil*, os capítulos “Prólogo” (Tomo I) e “Prefácio” (Tomo II). Escolheu-se dividir dessa maneira, pois nestes capítulos é que Varnhagen explica e resume sua obra, além de tratar de suas intenções, trazendo ao leitor algumas de suas crenças e posições científicas. Assim, primeiro discutir-se-á essas apresentações feitas pelo autor, para depois avançar sobre dois capítulos mais específicos do passado brasileiro.

³ A grafia não será atualizada em citações diretas de Varnhagen ou quando o trabalho se referir aos títulos dos capítulos.

Logo no início do “Prólogo”, o autor traça uma relação muito próxima entre os documentos por ele utilizados e a construção do seu texto:

Igualmente nos esforçámos por não ser pródigos nas narrações, nem pretenciosos nos juizos e analyse dos acontecimentos; pondo o maior empenho em commemorar, sempre com o possível laconismo, e embora com menos elegancia, os factos mais importantes, e esmerando-nos em os descrever com a maior exactidão e clareza (VARNHAGEN, 1854, p. XII)⁴.

No trecho destacado acima, nota-se a procura de Varnhagen pela neutralidade de sua narrativa, destacando seu empenho em trazer os fatos que realmente possam ser comprovados a partir das fontes. Cogitou-se a hipótese de que a concepção de *fato* fosse diferente no quadro histórico do autor, entretanto, a definição de fato no dicionário *Diccionario da lingua brasileira* (PINTO, 1832, p. 501⁵) é: feito, acontecimento, realidade. Dessa forma, Varnhagen retoma a questão do esforço necessário de seleção documental que pudesse narrar uma história exata, clara e que tenha como objetivo primordial mostrar aquilo que realmente aconteceu. Sua proposta, como visto anteriormente, está associada ao oxigênio mental produzido na Europa naquele momento. No mesmo tom, continua o autor:

Como temos dito por vezes, a escola historica a que pertencemos, é, estranha a essa demasiado sentimental que, pretendendo commover muito, chega a afastar-se da propria verdade. Fazemos a esse respeito uma verdadeira profissão de fé quando, ajuizando nesta obra a do illustre Rocha Pitta, dizemos ser a do escritor bahiano omissa em factos essenciaes, destituída de criterio e alheia a intenções elevadas de formar ou: de melhorar o espirito público nacional, fazendo avultar, sem faltar á verdade, o nobres exemplos dos antepassados, - e acrescentámos que aquelle autor não recorrêra ás mais puras fontes da história; que e era mais imaginativo que pensador; mais poeta- e admirador do belo que crítico, vassallo da razão e escravo das provas authenticas (VARNHAGEN, 1854, p. XIII).

Além da ferrenha crítica à seleção documental feita pelo memorialista Rocha Pitta, Varnhagen afirma que a escola histórica à qual ele pertence não é ligada a esses escritos “demasiados sentimentais”, possivelmente se referindo a uma escrita menos objetiva que a sua. Isso porque ele e a escola a que pertence se consideravam cientistas e, para tal, necessitavam

⁴ A paginação dos capítulos “Prólogo”, “Prefácio” e “Discurso Preliminar: Os índios perante a nacionalidade brasileira” foram feitos números romanos, se transformando em algarismos arábicos logo em seguida.

⁵ O livro digitalizado está sem paginação, então a página 501 é referente ao arquivo em PDF.

de um método científico que pudesse alcançar a verdade. Acusando Pitta de faltar com a verdade por não “recorrer às puras fontes da história”, Varnhagen deixa explícito que não é todo tipo de material referente ao passado que deve ser usado pelo historiador. Alguns devem ficar de lado, a exemplo aqueles documentos que tratam de maravilhas ou milagres.

Já adentrando no “Prefácio”, nosso autor ainda afirma que procura se ocupar “principalmente dos factos mais em relação com o verdadeiro desenvolvimento e civilização do paiz” (1854, p. XI), sendo que a profissão do historiador era, para ele:

Uma das maiores empresas do mundo (dizia o conde da Ericeira, D. Luiz de Meneses); porque além de inumerável multidão de inconvenientes que é necessário que se vençam, e de um trabalho excessivo, no mesmo tempo em que se pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-se obtido formar o intento, vencer a lição, assentar o estylo, colher as noticias, lançar os borradores, tiral-os em limpo, conferil-os e apural-os, quando quem escreve se anima na empresa... então começa a ser réo, e réo julgado com... excessiva tyrannia (VARNHAGEN, 1857, p. V).

Sua cientificidade histórica está destacada quando afirma que o historiador precisa tirar a limpo os documentos usados, ou seja, garantir que eles tenham alguma procedência confiável, fontes que sejam “mais puras e genuínas” (VARNHAGEN, 1857, p. VI) que as usadas por Rocha Pitta. Apenas fontes puras levariam, então, a uma história verdadeira do Brasil. No trecho, o autor reitera, novamente, que seu método se traduz em árduo trabalho de análise dos documentos históricos, que não devem ser escolhidos à sorte ou por mera preferência do autor. Para garantir a sua credibilidade, os documentos devem ser selecionados a partir de critérios objetivos, evitando-se, assim, a coroação de mitos ou acasos.

No final desses capítulos, Varnhagen enfatiza o teor empirista e científico a seu trabalho, vejamos o trecho final do “Prefácio”:

Em todo caso porém protestamos contra os que interpretem indevidamente as frases em que na introdução do princípio desta obra expusemos o sistema que havíamos adoptado. Ahi promettemos conservar fria imparcialidade no exame da verdade dos factos (...) pois de outra fôrma podia resultar dissonância na harmonia que entre si tem de guardar, uma vez que effectivamente succederam (VARNHAGEN, 1857, pp. XI-XII).

A imparcialidade se mostra, aqui, requisito básico para se escrever história, sendo o principal método de escrita utilizado pelo autor. Varnhagen acreditava que é apenas com a

imparcialidade que o historiador consegue examinar aquilo que ele chama de fatos. Estes, por sua vez, precisam ser encontrados em documentos, mas não qualquer um:

Convencidos igualmente de que a verdade é a alma da história, que se ella pode oferecer harmonía eterna entre os factos narrados, que o verdadeiro criterio da verdade historica não se pode aquilatar senão pela concordancia nos incidentes, não nos poupámos a nenhuns esforços, a fim de remontar ás fontes mais puras (VARNHAGEN, 1854, p. X).

Os fatos são encontrados após um “verdadeiro critério da verdade histórica”, ou seja, as fontes nomeadas de “puras” são o alicerce de toda sua concepção científica de história. Não há, segundo o autor, critérios possíveis para sustentar uma verdade histórica sem que as fontes levem à verdade, pois esta última é a alma da ciência à qual ele se dedica.

3 Ciência Histórica em prática: Varnhagen e sua visão acerca da formação do Brasil

A escravidão foi, durante o século XIX, uma questão de primeira importância para o Império do Brasil. Esse tema, claro, não foge do olhar de Varnhagen, que escreveu cinco capítulos diretamente ligados à escravidão africana e à mão de obra indígena. Esta última se torna crucial, ao passo que o autor, imerso na tentativa de construir um eixo básico de nacionalidade para o país recém-independente, indica sua visão etapista de sociedade.

À luz das afirmações de *Ciro Flamarion Cardoso* (2005), entende-se que o etapismo pode ser encontrado já em *Vico* e em *Montesquieu* (1689-1755), pois eles afirmaram em seus escritos que as transformações das sociedades não aconteceram ao acaso, mas que apresentavam fases similares às etapas da vida de um indivíduo:

Tais fases das sociedades ou nações teriam um caráter cíclico (ternário, segundo *Vico*) de avanço e regressão, não expressando uma série de causas e consequências mecânicas, e sim, etapas no desenvolvimento de um propósito inteligível: o do esforço humano para entendimento próprio (*CARDOSO*, 2005, p. 134).

Dessa forma, assim como os autores dessa história científica, Varnhagen entende que a sociedades passam por evoluções e que o Brasil precisa se transformar e evoluir em seu aspecto civilizacional para alcançar uma outra etapa do desenvolvimento social. Para isso, Varnhagen enxergou na Europa o exemplo a ser seguido.

Para esta parte do artigo, selecionou-se dois tópicos para a análise: Tomo I – “Escravidão dos africanos. Perigos ameaçadores” e o Tomo II – “Discurso Preliminar: Os índios perante a nacionalidade brasileira”. Em ambos os tópicos, percebeu-se em Varnhagen o interesse em explicar a estrutura de funcionamento do Brasil em meados do XIX. Esse interesse é uma das principais características do modelo de conhecimento moderno: o foco está numa história universalizante.

Varnhagen buscou repetidamente no passado brasileiro a resposta para algumas questões sociais:

O princípio da escravidão foi antigamente admittido por todos os povos, ainda o reconhecem algumas nações da Europa, e até o tolera o Evangelho.

(...)

Dos mencionados povos negros, alguns havia com ideas religiosas de islamismo, e até ja de christianismo, em virtude da visinhança dos estabelecimentos e feitorias dos Europeos; mas pela maior parte eram gentios ou idolatras: em geral andavam nus; lavavam-se a miudo; e, muitos delles, em pequenos, golpeavam a cara por distinctivo de nação. – Alguns adoravam idolos, outros animaes; acreditavam estes em calunduns, quigilas e feitiços, aquelles faziam sacrificios e ofl'ertas aos que tinham bastante charlatanismo para se inculcarem por seus sacerdotes (VARNHAGEN, 1854, pp. 218-220).

A sociedade brasileira do século XIX foi estruturalmente ligada à escravidão africana, bem como a economia inteira do país, a qual via a importância de a produção de café aumentar ao passo que aumentava o número de escravos. Varnhagen nota que a população brasileira é majoritariamente mestiça, e tem como objetivo explicar a que passo civilizacional anda o Império. Sendo assim, nos trechos destacados acima, ele procurou explicar as razões pelas quais os africanos foram escravizados e trazidos para a América, afirmando que não só a escravidão foi permitida na bíblia cristã, como ele percebeu um atraso civilizacional entre os povos da África.

O autor buscou a todo momento explicar os porquês de a escravidão persistir no Brasil. Ele procurou, a partir de seu método científico, abordar todas as questões da sociedade, não se eximindo de comentar os aspectos culturais:

A fecundidade dessas raças, em seus paizes, era tal que permitiria até povoar o orbe todo de negreria, se de todo o orbe fossem navios por colonos dellas. E

o certo é que, passando a America, ainda em captiveiro, não só melhoravam de sorte, como se melhoravãem socialmente, em contacto com gente mais polida, e com a civilização do christianismo. Assim a raça africana tem na America produzido mais homens prestimosos, e até notaveis, do que no Continente donde é oriunda (VARNHAGEN, 1854, p. 223).

A visão etapista de Varnhagen é evidenciada no trecho acima, pois o autor coloca o africano vindo para a América em melhor posição em relação àquele ainda na África, visto que aqui poderia ter contato com a civilização e o cristianismo. Quando ele salienta, ao longo dessas doze páginas acerca dos africanos, que o Brasil é um país capaz de civilizar os *bárbaros* e *atrasados*, não só afirma que este não é um país selvagem, como também insere o Império num quadro amplo de países civilizados.

Dessa forma, explicar a estrutura da escravidão foi importante para a história científica de Varnhagen, entretanto ele não esqueceu de fazer afirmações sobre seu método:

Assim pensamos que, com narrar os factos como se passaram, em nada degraduamos a actualidade, tanto mais quando é bem sabido como nas aristocraticas capitánias de Pernambuco, São Vicente, e ao depois na da Bahia, donde procederam (VARNHAGEN, 1854, p. 225).

A história, para Varnhagen, se mostra um ramo da ciência que necessita de uma pesquisa neutra, e o trabalho do historiador deve ser narrar os fatos a partir de fontes. Deve-se reiterar que é esse o conceito de ciência do quadro histórico no qual ele está inserido e que obras como as de Vico, Gibbon e Hume⁶ influenciaram Varnhagen na construção de *História Geral do Brasil*⁷. O autor brasileiro parece ter lido os cinco volumes de Gibbon sobre a história do Império Romano, visto a grande característica do britânico: utilização de uma enorme série documental e acabar por ultrapassar seus processos de crítica delas (CARDOSO, 2005, p. 136). Ambos os autores buscaram em suas respectivas pesquisas históricas leis onipresentes que pudessem ser generalizadas a todos, ou seja, levadas a quaisquer contextos históricos.

É nessa busca por regularidades que o autor aborda a questão indígena com o mesmo fôlego que tratou a presença africana. Para ele, os Tupis viviam “estado de atraso social”

⁶ Indica-se o livro completo de Ciro Flamarion Cardoso (2005) para um debate sobre a evolução do conceito de História.

⁷ Inclusive David Hume publicou uma História Geral da Inglaterra em cinco volumes.

(VARNHAGEN, 1857, p. XVI) antes dos portugueses chegarem e, literalmente, civilizarem os selvagens indígenas:

Nem se quer mereciam o nome de bárbaros: eram selvagens, com o que explicamos a condição social a que os philólogos, independentemente da significação etymologica, applicam essa palavra. Mantinham a anthropophagia: desfiguravam-se horriavelmente, esburacando a cara: andavam geralmente nus; experimentavam toda a sorte de privações, passando até por vezes fomes, por excesso de imprevidencia; não castigavam vicios, nem premiavam virtudes; ou antes não reconheciam estas nem áquelles (VARNHAGEN, 1857, p. XVII).

Novamente Varnhagen força sua tinta ao falar dos indígenas, exaltando sua visão etapista de sociedade – característica bastante comum na ciência histórica à qual ele se vincula. Outra questão interessante é nomear os indígenas de selvagens e os africanos de bárbaros, pois, apesar desses dois povos formarem a recém-independente nação brasileira, são sujeitos que precisam passar por uma transformação civilizatória antes de se tornarem cidadãos brasileiros. Dessa forma, indígenas e africanos deveriam ser civilizados para a sociedade brasileira evoluir.

Ele continua afirmando que os africanos precisam ser civilizados, ao escrever que a “escravidão e a subordinação são o primeiro passo para a civilização das nações: disse, com admirável philosophia e coragem, o virtuoso e sábio bispo brasileiro Azeredo Coutinho” (VARNHAGEN, 1857, p. XXI). Utilizando-se das palavras do bispo, Varnhagen explicita seu etapismo como forma de inclusão dos indígenas e africanos no campo da história, entretanto, seriam povos atrasados e que necessitavam do contato europeu para se civilizarem. O que se destaca, assim, é o interesse em comum com outros historiadores advindos da ciência moderna: a procura por leis universais que possam ao máximo sintetizar a história da civilização (CARDOSO, 2005, p. 135). Esse método do autor em utilizar as fontes para buscar verdades e leis leva, por fim, à redução da história a processos gerais, travando “as possibilidades da pesquisa histórica” (CARDOSO, 2005, p. 136).

Ainda nesse quadro histórico de formação da nacionalidade brasileira, Varnhagen insiste no caráter civilizador:

Se o elemento europeu é o que essencialmente constitue a nacionalidade actual, e com mais razão (pela vinda de novos colonos da Europa) constituirá a futura, é com esse elemento christão e civilizador que principalmente devem

andar abraçadas as antigas glórias da pátria e por conseguinte a historia nacional (VARNHAGEN, 1857, p. XXV).

O futuro da nação está, assim, nas mãos da civilidade europeia e longe daquilo que ele denomina como barbárie africana e selvageria indígena; essa foi a solução metodológica que Varnhagen arranhou para inserir o Império do Brasil no quadro de civilização europeia. Apenas dessa maneira seu trabalho de história se justificaria no quadro europeu, pois existiu para a Varnhagen a necessidade de justificar um trabalho nos moldes da ciência moderna sobre o Brasil. Ora, por que fazer uma história geral do Brasil? Ele respondeu ao longo de mais de mil páginas que aqui era o recanto civilizatório europeu nos trópicos, o qual merecia uma história objetiva e verdadeira.

4. Considerações Finais

Lançando mão de uma visão etapista das sociedades, Adolfo de Varnhagen propôs uma história do Brasil que se originou na mestiçagem entre as raças branca, indígena e africana. Entretanto, seu etapismo⁸ e sua visão eurocêntrica localizaram no colono branco europeu o sujeito principal de sua história, o qual teria como função civilizar os bárbaros africanos e indígenas selvagens.

Neste artigo foi possível visualizar as concepções de história que se construíram na narrativa de Varnhagen, as quais ele endossa com os capítulos “Notas” e “Auxílios Chronológicos” para verificar as datas e os factos”, ambos presentes ao fim do Tomo II. Esses dois capítulos servem para que o leitor mais atento possa conferir as afirmações que o autor julga como verdadeiras e livres de opiniões. Logo, tem-se que o autor se preocupou em deixar explícitas as fontes utilizadas e seu método de crítica a elas. Seus escritos ajudam, assim, a compreender um dos alicerces em que sua formação como historiador se fundamentou.

É com sua posição científica e definitiva que Varnhagen escreve ambos os Tomos. Para finalizar, deve-se lembrar da citação usada neste artigo como epígrafe, pois nela o autor afirma existir uma grande diferença entre a profissão do poeta e a do historiador. Enquanto o primeiro pode adaptar tudo às suas aspirações, o segundo estuda o fato e “apura-o por meio das provas que requerem critério” (VARNHAGEN, 1857, p. XII). O conhecimento histórico

⁸ Para um aprofundamento no tema, sugere-se Malerba (2010).

para Varnhagen é um tipo moderno de produção científica e que deve buscar incessantemente a verdade nas fontes; e assim ele o faz pela primeira vez para a história do Brasil.

5. Fontes e Referências Bibliográficas

5.1 Fontes

VARNHAGEN, Adolfo de. *História Geral do Brasil*. Tomo I. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1854. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01819210#page/1/mode/1up>. Visualizado em: 10/06/2017.

_____. *História Geral do Brasil*. Tomo II. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1857. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/01819220>. Visualizado em: 10/06/2017.

5.2 Referências Bibliográficas

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Trad.: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. “Panorama da historiografia ocidental” (até aproximadamente 1930). In: *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, EDUSC, 2005.

CEZAR, Temístocles. “Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência”. *Revista Topoi*, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 159-207. Disponível em: www.scielo.br/pdf/topoi/v8n15/2237-101X-topoi-8-15-00159.pdf. Visualizado em: 28/06/2017.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. “O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke”. *Revista de História*, v. 50, n. 100, 1974, 431-482. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/132639>. Visualizado em: 29/06/2017.

MALERBA, Jurandir (org.). *Lições de história: o caminho da ciência no longo século XIX*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. “Como se deve escrever a história do Brasil”. Rio de Janeiro: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.º 6, p. 381-403, 1844. Disponível em: Visualizado em: 17/09/2017.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da lingua brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/02254100>. Visualizado em: 01/07/2017.